

Canções que desaguam no mar do samba baiano

Compositora, escritora e pesquisadora Ana Flauzino faz sua estreia como cantora em 'Rabiscos para o Mar'

AFFONSO NUNES

Ah, o mar! Cantando como quem conversa, a compositora, escritora e pesquisadora Ana Flauzino dá voz às suas canções em "Rabiscos para o Mar", seu primeiro álbum, já disponível nas plataformas digitais via Trattore. São 13 faixas autorais que mergulham na tradição do samba baiano, com as bênção de Iemanjá. A produção capricha nos detalhes — os arranjos de percussão, os sopros, os coros — neste encontro de vontades.

Aqui rabiscos viram canção, canções que encontram o mar — e o mar tanto é o oceano da orixá quanto a imensidão de referências que a cantora e compositora evoca, sobretudo o samba baiano que a artista domina com naturalidade.

Para quem não é de terreiro, vale explicar. A cadência do samba baiano não é a mesma do samba de roda do Recôncavo, embora



Ana Flauzino apresenta canções como quem conversa à beira-mar numa tarde domingueira

converse com ele. É um gingado rítmico que nasce da mistura do samba de roda com influências dos blocos afro, do ijexá e do samba-reggae — gêneros que explodiram em Salvador a partir dos anos 1970 com grupos como Ilê

Aiyê, Olodum e Muzenza. Seu andamento cadenciado é menos acelerado que o samba carioca, com uma levada de percussão que valoriza os timbres graves e uma pulsação que parece dançar no contratempo. É samba que se can-

ta com o corpo inteiro, que carrega a marca da cultura negra baiana em cada virada de tambor.

As composições remetem aos diferentes sotaques do samba brasileiro, mas é na pegada baiana que o disco encontra seu centro

de gravidade. A direção musical de Marília Sodré (violão) e Tiago Nunes (percussão) sublinha essa identidade com arranjos que ora soam encontros domingueiros cheios de amora para dar ora evocam a energia de um bloco afro pelas ruas de Salvador.

O repertório é generoso com a capital baiana. As 13 faixas são crônicas do cotidiano da cidade, pelas feiras, pelas ladeiras, pelos encontros. A poesia de Ana Flauzina traz oralidade, aquela conversa citada no início do texto. Tanto Iemanjá quanto os orixás que regem o universo afrobrasileiro são celebrados como personagens soteropolitana, uma presença orgânica.

Há ainda um gesto político no trabalho. Com "Rabiscos para o Mar", Ana Flauzina abre a varanda à beira-mar para duetos com artistas com quem mantém afinidade como Mylane Mutti ("Rebento"), Gab Ferruz ("Erê Sagrado"), Cris Pereira ("Rabiscos para o mar"), Deyse Ramos ("Liberdade"), Márcia Short ("Delirante"), Janja Araújo ("Só vence quem sabe amar") e Aloísio Menezes ("Dentro dos seus carnavais"). "Rabiscos para o Mar" pede escuta atenta, contemplativa, com as janelas e portas da percepção escancaradas. Para uma estreia fonográfica, o álbum cheifa com sabor de fruta madura. Não é o disco de uma cantora descobrindo sua voz, mas de uma compositora que decidiu usá-la para contar as histórias que já escrevia na melhor definição de cantautora. Outros rabiscos são bem vindos.

Nem concerto erudito nem show de axé. Apenas encantamento

Projeto que reúne Carlinhos Brown e músicos da Orquestra Ouro Preto chega ao YouTube

O encontro entre a percussão baiana de Carlinhos Brown e a tradição erudita da Orquestra Ouro Preto, que já arrastou multidões por praças e teatros do país, agora ganha versão audiovisual. Gravado ao vivo durante concerto na Concha Acústica de Salvador, em outubro de 2025, o concerto "Afrossinfonia"

estreia no YouTube nesta sexta (26) nos canais do artista e do conjunto mineiro, simultaneamente. No mesmo dia, chega às plataformas de streaming o Volume 2 do álbum, dando continuidade ao registro fonográfico do projeto.

O repertório percorre diferentes momentos da obra de Brown, com nova roupagem sinfônica assinada pelo arranjador Paulo Malheiros e regência do maestro Rodrigo Toffolo. Entre os destaques do Volume 2 estão composições criadas por Carlinhos Brown ao lado dos Tribalistas — Marisa Monte e Arnaldo Antunes — como "Vilarejo", "Velha Infância" e "Já Sei Namorar".

Carlinhos Brown e os músicos da Orquestra de Ouro Preto durante apresentação em Salvador



Também ganham novas interpretações sucessoras como "A Namorada", "Amor I Love You" e "E.C.T", esta última em parceria com Nando Reis e Marisa Monte.

O concerto revela que essas duas

linguagens musicais podem e devem caminhar juntas. Entre o tambor e o violino, entre o terreiro e o teatro, entre Minas e Bahia, há uma cumplicidade que a música brasileira promove como poucas pelo mundo.

O encontro mais recente entre Carlinhos Brown e a Orquestra Ouro Preto aconteceu no dia 17 de maio e reuniu mais de 25 mil pessoas na Praça da Liberdade, em Belo Horizonte. O projeto, que teve sua primeira edição em 2024, já passou por São Paulo (Av. Paulista), Rio (Praia de Copacabana), Salvador (Concha Acústica), Ouro Preto e Trancoso. Novas edições estão previstas para o segundo semestre.

"Afrossinfonia" é a força rítmica da herança afro-brasileira no centro da orquestra. Não é concerto de música clássica e tampouco show de axé, mas algo que só existe naquele encontro. (A. N.)